

Reflexões sociais a partir dos gêneros rap e poesia marginal: uma experiência no estágio de língua portuguesa

PALAVRAS-CHAVE:

Estágio • Rap • Poesia • Racismo • Ensino • Leitura • Escrita • Literatura

**Joaquim Junior
da Silva Castro**

**Ludmila Gonçalves
Queiroz**

RESUMO: O presente relato objetiva apresentar os dados coletados durante a prática de estágio em uma escola da rede pública municipal do estado de Minas Gerais, bem como discutir os pontos analisados durante nossa intervenção, como docentes, em uma turma de 9º ano do ensino fundamental. Trata-se de um trabalho que pode servir de sugestão para outras aulas de Língua Portuguesa em uma perspectiva sociointeracionista da linguagem.

INTRODUÇÃO

O Estágio Supervisionado I - Língua Portuguesa¹, realizado em uma turma do 9º ano durante o 1º semestre de 2019 em uma escola municipal de Juiz de Fora, teve como enfoque um trabalho que envolvesse as questões sociais presentes na vida dos alunos da escola observada e que estivesse atrelado ao ensino de língua e literatura. Nesse sentido, trabalhamos com o rap *A vida é desafio*, de Racionais MC's, e o poema *Os miseráveis*, de Sérgio Vaz.

Racionais MC's é um grupo brasileiro de rap fundado em 1988 por DJ KL Jay, Edi Rock, Ice Blue e Mano Brown. O grupo é muito conhecido por fazer inúmeras críticas às formas de opressão da sociedade, como racismo, violência policial com moradores de periferia, crime organizado e uso de drogas. Dessa forma, muitos jovens, de diferentes classes sociais, mas que entendem as muitas dinâmicas da sociedade, como as de opressão supracitadas, reconhecem-se nas letras e se inspiram, de modo a usá-las como arma na luta contra o preconceito.

Sérgio Vaz é conhecido como *o poeta da periferia*. Além de escrever, desenvolve projetos culturais em diferentes periferias brasileiras, onde reconhece a cultura local, e valoriza as práticas de letramento desses lugares. É criador da Cooperifa (Cooperativa Cultural da Periferia). Do mesmo modo, deu origem ao Sarau da Cooperifa, projeto que transformou um bar de São Paulo em um centro cultural. Nesse sarau, as pessoas conversam sobre poesia, criam, recitam suas próprias produções, ou seja, há uma grande divulgação de uma escrita que geralmente não é valorizada, pois se trata de uma escrita periférica e que, portanto, é marginalizada.

A escolha do grupo Racionais MC's e de Sérgio Vaz se justifica por, nas turmas observadas, haver um número significativo de alunos negros, de periferia e de classes sociais menos favorecidas. Objetivamos deixar claro que todos e todas podem ser poetas e que a literatura (seja marginal ou não) pode e deve ser acessível a quem se interessar. Nesse sentido, buscamos provocar, através dos gêneros textuais *rap* e poesia marginal, inquietações acerca de lugares que determinados indivíduos ocupam em nossa sociedade. Posições sociais estas que já estão predestinadas por conta de alguns fatores, tais como: raça, cor, sexo e gênero. Como futuros professores de Língua Portuguesa, entendemos que o texto está para além de seus aspectos propriamente textuais, mas, acima de tudo, que ele, com toda sua pujança, pode provocar uma consciência crítica e cidadã. Vivemos, nos comunicamos, nos relacionamos através de inúmeros gêneros textuais, orais e escritos. Cabe-nos, assim, como mediadores de um ensino de uma língua em sala de aula, trabalhar aspectos que subjazem questões intrínsecas à sociedade e que, portanto, possam despertar vultosas reflexões.

1. Agradecemos às Professoras Caroline Souza Ferreira e Tânia Guedes Magalhães pelo carinho com que conduziram as aulas de estágio, e por todo o apoio dado na elaboração dos trabalhos.

CARACTERIZAÇÃO DA TURMA

Percebemos que os adolescentes se identificavam com o gênero musical *funk*, de modo que levavam caixinhas de som para escutarem suas músicas no momento do intervalo. Havia, nas sextas-feiras, rodas de *funk*, em que os alunos, junto com alguns professores, dançavam passinhos considerados “da moda”. Os alunos dessa turma eram majoritariamente negros, de classes populares baixas e residentes de periferia. Muitos deles estavam passando por um momento de tristeza na família, como pais detidos. Havia 14 meninos e 11 meninas, os quais se mostravam, em sua maioria, interessados, participando das aulas e interagindo com a professora.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Baseamo-nos em autores e documentos que têm, de alguma maneira, considerado a língua e o seu ensino como interação, desconsiderado a ideia de língua como simplesmente um código, de maneira que o seu ensino esteja pautado em uma transmissão. Além disso, é preciso destacar a importância de essa dinâmica (língua/ensino de língua) considerar o texto como uma entidade discursiva. É o que, por exemplo, sugere a Proposta Curricular da Prefeitura Municipal de Juiz de Fora ao dizer que

a concepção sociointeracionista e discursiva de linguagem elegem, como objeto de ensino, o texto oral e o texto escrito, na sua realização em diferentes gêneros textuais. Isso significa dizer que a unidade de comunicação da língua não é a palavra e não são frases isoladas, mas o discurso. (Proposta Curricular - LP, 2012, p.12).

BEZERRA, M. A. Ensino de língua portuguesa e contextos teórico-metodológicos. In: BEZERRA, M. A.; DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R. **Gêneros textuais e ensino**. 4.ed. - Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. 232p. (37-47).

Porém, o ensino de Língua Portuguesa, no Brasil, é conhecido pela tradição gramatical, em sua perspectiva prescritiva (BEZERRA, 2005). Outrossim, o ensino de Literatura, sobretudo no que tange à leitura de textos literários, era e, em alguns contextos escolares, ainda é usado como pretexto para se trabalhar com a gramática normativa. Para Valério,

VALÉRIO, C. M. S. **Língua portuguesa e literatura na sala: uma união possível.** Trabalho de conclusão de curso (TCC). Bagé: UNIPAMPA, 2011.

[...] historicamente a leitura de textos literários ainda tem sido usada como pretexto para atividades estritamente estruturais de trabalho com a língua. Esses tipos de práticas ainda hoje são bastante presentes em diversas salas de aula, ou seja, lê-se o texto literário simplesmente como suporte para estudar estruturas gramaticais (VALÉRIO, 2011, p. 24).

No entanto, tem-se mudado, mesmo que de forma gradual, esta perspectiva. A professora doutora que acompanhamos, por exemplo, tinha uma concepção discursiva e interativa de linguagem, não delegando suas aulas a um ensino descontextualizado de gramática.

Ao lecionarmos, propusemos um trabalho com os eixos análise linguística, leitura e produção escrita. No que diz respeito à leitura, pensamos em fazer uma mediação em que os alunos construíssem sentido àquilo que estavam lendo. Fizemos um trabalho de mediação, assim como sugere Barbosa:

Os estudantes, leitores em formação, são motivados à interação com os textos, e o papel do professor, no cenário dessas novas práticas de ensino, altera-se significativamente. Cabe a esse leitor mais experiente, particularmente leitores, mediar a interação com os textos apontando, quando necessário, para as sinalizações textuais que guiam os sentidos, ensinando os leitores em formação a agirem como agem os leitores mais experientes. (BARBOSA, 2016, p. 265).

Como tratava-se de rap e poesia marginal, não foi difícil apontar essas sinalizações textuais que guiam os sentidos, pois os alunos, de certa forma, já estavam habituados com os gêneros em questão. Afora isso, também levamos em conta a hibridização entre “autor-texto-leitor” (KOCH, 2014), para que, de fato, os textos que propusemos tivessem sentido.

KOCH, I. V. **As tramas do texto.** 2. ed. - São Paulo: Contexto, 2014.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Cada estagiário ficou responsável por lecionar 4 aulas. Descrevemos abaixo como foi o processo, de forma detalhada, dessas intervenções.

Primeira e segunda aulas

A estagiária 1, nas primeiras aulas, apresentou aos alunos o rap *A vida é desafio*, de racionais Mc's. O poema aborda algumas questões sociais, como a questão da falta de oportunidade que algumas pessoas pobres e faveladas têm, o que faz com que algumas delas entrem no mundo do crime, com a grande ilusão de mudar de vida.

Em um primeiro momento, a estagiária perguntou-lhes se eles tinham conhecimento sobre o grupo de *rap*. A maioria dos alunos já conhecia, o que facilitou, de certa forma, o trabalho com a música. Colocamos, então, em uma caixinha de som a canção, a fim de que todos a ouvissem. Depois disso, a professora em formação destacou alguns versos que se encontravam no excerto escolhido da música. O *rap* é grande, por isso, em um consenso, optamos por trabalhar apenas uma parte, por questão de tempo. Os objetivos didáticos dessas primeiras aulas pautaram-se na importância de se promover escuta e leitura críticas.

A estagiária, desse modo, começou discutindo os versos: “Mas o sistema limita nossa vida de tal forma/ e tive que fazer minha escolha, sonhar ou sobreviver”. Nesse sentido, foram feitas, oralmente, uma série de perguntas, tais como: *de que forma o sistema limita nossa vida?; por que o eu-lírico teve que fazer a escolha de sonhar ou sobreviver?; ele não poderia fazer os dois ao mesmo tempo?; por que ele se utiliza da palavra sobreviver?; a palavra adequada não seria viver?*. Os alunos foram respondendo oralmente. Houve uma participação significativa dos discentes. Notamos que os assuntos presentes no *rap* causaram interesse discente. Nesse sentido, apareceram respostas como “o capitalismo obriga a gente a trabalhar, né, professora”, “o pobre sempre tem que trabalhar mais que o rico”, “as coisas são muito mais difíceis para os pobres”, “o pobre não vive, sobrevive”. E a estagiária respondia: “é isso mesmo, muito bem”, “parabéns”, como uma forma de incentivá-los a participar ainda mais da aula.

Ao perceber que a turma estava em um momento de euforia, por conta do *rap*, a profissional em formação continuou promovendo discussões. Assim, ela destacou os versos: “porém o capitalismo me obrigou a ser bem sucedido/acredito que o sonho de todo pobre, é ser rico”, e indagou-lhes: *por que vocês acham que o capitalismo obrigou o eu-lírico a ser rico?; o capitalismo é mesmo tão ruim assim?; quais são as consequências dele?; o sonho de todo pobre é, realmente, ser rico?; se sim, por quê?* As respostas foram praticamente unânimes: “o capitalismo é ruim, professora”, “ele maltrata o pobre”.

Em seguida, foram destacados os versos “em busca do meu sonho de consumo/procurei dar uma solução rápida e fácil pros meus problemas/ o crime” e, por fim, “mas é um dinheiro amaldiçoado/ quanto mais eu ganhava, mais eu gastava/ logo fui cobrado pela lei da natureza/ vish, catorze anos de reclusão/ o barato é louco”. No momento em que esses versos foram trabalhados, percebemos uma maior agitação da turma, por conta das palavras *crime* e *reclusão*. Os alunos puderam concluir que, de

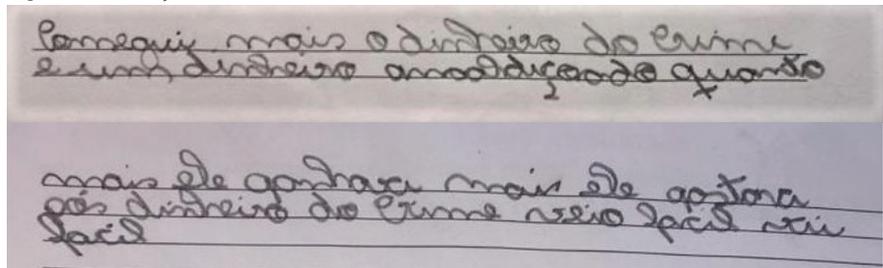
fato, o crime leva a este caminho: o da reclusão. E que, portanto, não é o melhor caminho a ser seguido, independente de classe social ou raça. Realmente aconteceu algo esperado: um interesse dos alunos pelo tema e uma massiva participação deles.

Terceira e quarta aulas

Nas duas últimas aulas da licencianda, foi sugerido aos alunos que respondessem as questões sobre o texto trabalhado. Como a segunda questão abordava variação linguística, a estagiária explicou aos discentes sobre o que tratava esse conceito. Também falou de sua relevância, considerando as múltiplas linguagens brasileiras e destacou a importância de se respeitar os falares alheios. Com isso, foi trabalhado uma pequena produção escrita dos alunos. No entanto, não com objetivo de reescrita, a fim de melhorar a qualidade dos textos², considerando o pouco tempo. O objetivo era com que eles se sentissem livres para escrever, para que depois houvesse uma discussão construtiva das respostas. As respostas foram relevantes, por isso, seguem alguns trechos.

Quando perguntados se o eu-lírico conseguiu realizar o seu sonho de ser rico e quais foram as consequências, alguns deles responderam da seguinte forma:

Figura 1 - descrição Aluno A³.



2. Embora os alunos tenham apresentado respostas interessantes, percebemos que o nível de escrita ainda se encontra baixo, se considerarmos o fato de que eles estão no nono ano do ensino fundamental.

3. Por questões de ética, colocamos apenas as iniciais dos estudantes.

Figura 2 - descrição Aluno C.

Não conseguiu realizar o grande sonho por que não conseguiu concretizar os seus objetivos porque ele queria tanto ser rico e não levou ao mundo do crime, mas o dinheiro da vida de crime não leva a lugar nenhum, entre falta de escolha a pessoa prefere andar com más companhias, e fazer o uso do dinheiro sujo e não os usa entre dois caminhos quando não é preso, e morto.

Com relação à segunda pergunta, sobre se algumas gírias estavam adequadas ao gênero textual *rap*, algumas respostas foram:

Figura 3 - descrição Aluno E.

O autor adiciona algumas gírias pois o texto não é formal e usa informal.

Figura 4 - descrição Aluno L.

O autor utiliza gírias como "tato" (...) "mamã" para causar maior entendimento do leitor, para que ele possa compreender da melhor forma o texto. Esse uso está adequado porque não é um tato formal e um informal.

Figura 5 - descrição Aluno G.

De um dia para tipo de linguagem que adequa ao rap, pois a vida dele não é formal, mas música ele cria não se adequa ao gênero textual.

No tocante à primeira questão, o discente A faz um julgamento de valor em sua resposta, dizendo que, se o dinheiro do crime veio fácil, ele, da mesma maneira, vai fácil. Dessa forma, pode-se inferir que, para ele, não vale a pena entrar nesse mundo, porque se o objetivo for o dinheiro, é um dinheiro que não permanecerá por muito tempo. A aluna C vai adiante com seu julgamento de valor: para ela, andar com más companhias, por falta de uma (boa) escolha, leva o indivíduo a cometer delitos. Ademais, há um só caminho quando se escolhe o mundo do crime: prisão ou exílio. Trata-se de uma resposta interessante e que reflete os ensinamentos da família dessa aluna.

No que diz respeito à segunda questão, o estudante E foi objetivo: tratava-se de um texto informal, o que justificou o emprego de algumas gírias pelo autor. O aluno L afirmou que o emprego dessas gírias se deveu ao fato de que elas fazem com que o leitor possa entender melhor o texto. É uma resposta interessante, pois não se tem um interlocutor específico para esse texto. Pessoas de diferentes classes sociais escutam *rap* no Brasil, mas a resposta sugere que o aluno entende que quem está habituado a escutar *rap* compreende o significado de tais gírias. O aluno G certifica que no caso de uma música clássica, não estaria adequado o emprego das gírias.

Quinta e sexta aulas

O estagiário 2, assim como fez a estagiária 1, também, em suas primeiras aulas, trabalhou aspectos de leitura e escuta críticas, a fim de promover uma interação e participação da turma. Entretanto, dessa vez, o gênero trabalhado foi o poema marginal *Os miseráveis*, de Sérgio Vaz.

Num primeiro momento, o estagiário contextualizou os alunos acerca do que é a poesia marginal. Mas, antes, perguntou-lhes se alguém já havia ouvido falar desse tipo de poesia. Eles disseram que não, o que era verdade, pois a professora havia trabalhado, até então, com poemas canônicos da literatura brasileira. Em seguida, foi explicado aos alunos que a poesia marginal surgiu através da geração mimeógrafo, em função da censura imposta pela ditadura militar na época. Nesse sentido, o mimeógrafo era a tecnologia mais utilizada, o que possibilitou a comercialização a baixo custo das obras produzidas. Também foi aclarado a questão do termo marginal, que, neste caso, não se tratava de algo pejorativo, mas, sim, de algo que esteve à margem da sociedade, por romper com as características normativas de poesia da época. Em seguida, o futuro professor conversou com os estudantes sobre a vida e a militância de Sérgio Vaz. Depois dessa breve contextualização, o graduando leu com os alunos o poema e destacou, oralmente, alguns versos, para discussão e reflexão. O poema trata da dualidade entre um homem rico e branco e um homem negro e pobre⁴. Ambos cometem delitos, mas há uma diferença no tratamento que a sociedade dá aos dois homens.

O primeiro verso destacado foi o “cresceu sem pai, sem mãe, sem norte, sem seta”. Foram feitas perguntas do tipo: *como assim cresceu sem seta?; ter crescido sem pai e sem mãe o influenciou em suas escolhas?*. Houve respostas como: “sem seta e sem norte, professor, quer dizer que ele nasceu sem direção, “ele era um perdido na vida, não tinha muitas opções, “é porque ele morava na favela, e lá muita gente não tem pai e mãe”. “crescer sem os pais o influenciou, porque ele não teve conselhos de ninguém”, “sim, os

4. Embora o poeta não tenha especificado que Vítor era negro, fica subentendido, pois ele afirma que Hugo nasceu com a “pele branquinha”, além das condições pelas quais Vítor é submetido.

pais nos ajudam a escolher os melhores caminhos da vida”. O profissional em formação concordava com as respostas, deixando-os instigados e bem à vontade para responderem o que desejavam.

Outro verso destacado foi o “Vítor virou ladrão, Hugo salafrário”. Essa parte foi interessante, pois os alunos teriam que perceber o uso destes diferentes termos: *ladrão* e *salafrário*. Eles, num primeiro momento, não perceberam essa diferença, então o estagiário explicou-lhes que determinados termos são usados propositalmente para reafirmar determinadas diferenças sociais. No caso do poema, foi ressaltado que o termo “salafrário” tem um tom mais “amenizante”, se comparado ao termo “ladrão”. Foi mencionado, também, que esse tratamento de escolha de léxico também acontece em manchetes de jornais, onde o negro, ao cometer algum tipo de crime, é sempre colocado como “o bandido”, “o marginal”, e o branco como “o jovem”, “o estudante”. Eles concordaram e começaram a dizer que já perceberam exemplos como esses nos jornais, inclusive nos televisivos.

Foram destacados, ainda, os versos “um usava capuz, o outro, gravata/ Retrato falado, Vítor tinha a cara na notícia,/ enquanto Hugo fazia pose pra revista/ A um, só resta virar crente, o outro, é candidato a presidente”, o que, do mesmo modo, rendeu muita discussão. O estagiário esclareceu que roupa não define caráter, pois Hugo roubava e enganava usando terno. Os alunos fizeram alusão a alguns políticos, que estão sempre vestidos com ternos e que isso não é empecilho para cometerem transgressões. Algumas perguntas foram feitas: *por que vocês acham que um tinha a cara da notícia?*; *o que o autor quer dizer com isso?*; *as notícias já têm as suas vítimas ou “personagens” preferidos?*; *por que Hugo não tinha a cara da notícia?*; *A que tipo de revista vocês acham que o poeta se refere?*; *o que o autor quis dizer que o caminho de um será virar crente e o de outro candidato a presidente?*. As respostas foram praticamente unânimes: Hugo tinha todo esse privilégio e destaque porque era branco.

A discussão fez com que os alunos dessem exemplos na sala de aula. Um aluno negro disse que, se um policial, que também fosse negro, o visse andando na rua pela noite, ele (o policial) o pararia. O contrário não aconteceria com o seu amigo, que era branco. Outra aluna disse que quando for policial militar, só vai abordar pessoas brancas, porque, segundo ela, os negros sempre são parados pela polícia.

Sétima e oitava aulas

Nas duas últimas aulas, foi pedido aos alunos que respondessem às questões sobre o poema marginal em questão, para que fossem discutidas posteriormente. A primeira questão perguntava-lhes sobre a que temática, muito presente no Brasil, o poema se refere. Vejamos algumas respostas:

Figura 6 - descrição Aluno C.

A temática relatada o preconceito e os negros

Figura 7 - descrição Aluna T.

O poema retrata uma situação de desigualdade social, fazendo com que algumas pessoas tenham tudo de bom e até essencial para sobrevivência humana.

A segunda pergunta estava relacionada às características no texto que fazem o leitor inferir que se trata de um poema.

Figura 8 - descrição Aluno B.

Apresenta como o poeta critica a sociedade, divisão em estrofes e versos e um poema narrativo

Figura 9 - descrição Aluno I.

Ele está narrando uma estrofe, tem versos e estrofes, de prosa em nós, uma reação estética em relação ao poema.

No tocante à primeira questão, o aluno C foi direto ao ponto: a temática relata o preconceito que os negros sofrem. Uma boa observação, visto que o tratamento dado a Vítor é um tratamento injusto se comparado à abordagem da sociedade com Hugo. A estudante T apontou para o fato de que se trata de uma desigualdade. Desigualdade, pois algumas pessoas têm o privilégio de terem coisas com abundância, enquanto outras precisam ter o essencial para sobreviver. Em outras palavras, embora a aluna não tenha especificado a questão do racismo, ela faz uma reflexão apontando para a gravidade da situação.

No que diz respeito à segunda questão, o aluno B apontou para a forma como o poeta critica a sociedade, além da divisão de estrofes e versos. Ele afirma, ainda, que se trata de um poema narrativo. A resposta do aluno I, é curiosa. Ele alegou que o autor, através do poema, causa uma reação estética no interlocutor.

A segunda questão era, de fato, um pouco mais trabalhosa. Entretanto, os alunos tentaram respondê-la e no geral obtiveram êxito

AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

Percebemos, ao longo de nossas atividades, que os alunos se mantiveram interessados, além de participarem de forma significativa das aulas dadas. Os discentes aprenderam a ter, de uma forma mais abrangente, uma leitura e escuta crítica dos textos que deveriam ser lidos e, deste momento adiante, para os que lerão futuramente (seja no âmbito escolar, acadêmico, profissional ou pessoal). Demos autonomia a eles, o que fez com que se sentissem livres para as interpretações.

Os alunos consolidaram seus conhecimentos acerca da variação linguística (eixo da análise linguística), ou seja, aprenderam que em determinados gêneros textuais haverá diferentes modos de expressão da língua. Também acreditamos que eles passarão a ter uma visão mais crítica sobre o racismo estrutural de nossa sociedade, pois nós pudemos deixar essa questão do racismo enraizado clara, embora seja uma escolha de cada um deles acreditar nisso e não continuar a enxergá-lo (o racismo) como, simplesmente, xingamentos ofensivos; o que muitos deles pensavam antes. Pudemos também apontar algumas características gerais de um poema, como a linguagem, a função social, a crítica presente, fazendo com que os alunos tentassem identificar esses elementos.

Outro aspecto interessante foi a forma como a professora-supervisora se envolveu no estágio. A docente nos orientou desde a elaboração do plano à regência das aulas dadas, dando opiniões, ajudando sobre o que de fato deveríamos ter trabalhado, e explicando-nos sobre o que os alunos realmente gostavam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gostaríamos de ressaltar que o nosso maior objetivo foi o de promover ou o de tentar promover, por conta do pouco tempo, uma consciência crítica nos alunos, pois eles precisam tê-la ao ler qualquer texto. Sobre as temáticas abordadas, quisemos deixar claro que nada se consegue - de positivo - com o crime, e que o racismo no Brasil existe e é latente. Nas turmas em que estivemos presentes, e na escola como um todo, há uma prevalência de alunos negros, e ser negro não é sinônimo de entender o racismo como um sistema. Outro aspecto é que, como já foi citado no começo deste relato, muitos alunos estavam passando por situações difíceis na família, como pais detidos. Destarte, ter levado textos que retratam essas situações, mostrando que não é interessante entrar nessa vida, nos fez ter a sensação de que o ensino de Língua Portuguesa é muito mais do que ensinar gramática. Entendemos que nós, como futuros professores de Português e suas respectivas Literaturas, temos o poder

nas mãos, pois o nosso trabalho é o texto em seus diferentes aspectos. Dessa forma, podemos ensinar aos alunos e às alunas a construírem uma visão crítica do texto, pois é isso que vai torná-los cidadãos conscientes e críticos. Tudo isso sem deixar de lados os aspectos linguístico-discursivos da língua.

De maneira geral, o estágio permitiu-nos ampliar nossos olhares às peculiaridades de uma escola no geral. Não é fácil, de fato, ser professor. Há muitas exigências e requer um trabalho para além dos muros da instituição. No entanto, é gratificante a troca de conhecimento entre professor e aluno, pois, com essa troca, barreiras sociais e preconceitos podem ser superados. Este primeiro estágio nos possibilitou perceber que a profissão professor tem um papel cidadão, a qual pode abrir possibilidades positivas para quem, por exemplo, não tem em quem se identificar.

Joaquim Junior da Silva Castro (joaquim.castro@letras.ufjf.br)
Licenciado em Letras - Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas pela
Universidade Federal de Juiz de Fora.

Ludmila Gonçalves Queiroz (ludmilaqueiroz1@hotmail.com)
Graduanda em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

Como citar esse artigo

CASTRO, J.J.S; QUEIROZ, L.G. Reflexões sociais a partir dos gêneros rap e poesia marginal: uma experiência no estágio de língua portuguesa. **Revista Gatilho**, UFJF, v. 18, p. 253-266. out. 2020.

ABSTRACT: The present case aims to show the data collection during an internship practice in a municipal public system school in the state of Minas Gerais, such as discussing the analyzed points during our intervention, as teachers, in a 9th grade class of elementary school. It is a work that can suit of suggestion to other Portuguese classes. This work can be used as a suggestion to other classes of Portuguese, in a social interactionist perspective from the language.

KEYWORDS: Internship; Rap; Poetry; Racism; Teaching; Reading; Writing; Literature.

REFERÊNCIAS:

BARBOSA, B. T. A formação de professores de português: desafios persistentes. In: OLIVEIRA, D. M.; RABELLO, S. H. S. **Formação de professores: políticas e processos**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2016. 296 p. (259-273).

BEZERRA, M. A. Ensino de língua portuguesa e contextos teórico-metodológicos. In: BEZERRA, M. A.; DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R. **Gêneros textuais e ensino**. 4.ed. - Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. 232p. (37-47).

JUIZ DE FORA, Prefeitura Municipal. Secretaria de Educação. **Proposta Curricular, Língua Portuguesa**. 2012.

KOCH, I. V. **As tramas do texto**. 2. ed. - São Paulo: Contexto, 2014.

VALÉRIO, C. M. S. **Língua portuguesa e literatura na sala: uma união possível**. Trabalho de conclusão de curso (TCC). Bagé: UNIPAMPA, 2011.